

O INFORMANTE



Ao frequentar todas as tardes o Bar do Chope na Rua do Livramento, Etelvino fez boas amizades. Ninguém sabia sua origem com ar de malandro carioca e puxando da perna direita. Diariamente, no início da tarde, ele aparecia com um jornal embaixo do braço, mancando, cumprimentava os assíduos do Bar do Chope, abria o jornal e danava-se a ler. Era jornal da semana anterior, mas impressionava por ser jornal de grande circulação no sul, O Globo, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil.

Etelvino fez amizades no bar e conseguiu plantar algumas falsas informações que o deixou respeitado entre os desocupados e boêmios de plantão. Certa vez, ele insinuou ser informante do S.N.I. e das Forças Armadas. No início dos anos 70, auge da época da ditadura, aquela notícia era nitroglicerina pura, como diria tempos depois um nosso Presidente.

Histórias cheias de mistério e de invencionice cada vez mais circulavam no Bar do Chope. Uns diziam que Etelvino mancava consequência da explosão de uma granada na luta armada contra comunistas; outros garantiam que ele era coronel da Aeronáutica, e mancava devido à queda de um avião. Todas as histórias convergiam ele ser do serviço secreto em busca de informações, gente importante naqueles anos. Os amigos deviam tomar cuidado, não comentar sobre política na frente da autoridade. Falar mal do presidente Médici, nem pensar. Seria cadeia certa.

Etelvino alimentava o mistério, às vezes exagerava em opiniões e histórias. Já fazia parte da roda de desocupados. Quando ele chegava, os companheiros perguntavam pelas novidades. Ele sério colocava o jornal na mesa, entrelaçava os dedos das mãos e iniciava suas invencionices em tom confidencial, carregando no sotaque carioca.

-“Ontem jantei com o Paes (coronel comandante do 20º BC- quartel do Exército na época), infelizmente não posso revelar detalhes, mas digo uma coisa meus amigos, aqui para nós, não vão dizer que fui eu que falei, confio em vocês. É que lá pelas bandas do Amazonas está havendo maior guerra. Os guerrilheiros comunistas, treinados em Cuba, China e Moscou, estão lutando contra os para quedistas do Exército. A coisa está preta, muitos mortos e feridos dos dois lados”.

Os colegas de copo e mesa ficavam admirados. Esse tipo de notícia era proibido publicar em qualquer jornal, o que dava uma maior credibilidade ao

“Coronel” Etelvino, como os desocupados já o chamavam. Era coronel para cá, coronel para lá. Eles tinham orgulho do amigo coronel.

Etelvino tinha uma fonte de informação. Seu sobrinho, sargento da S/2 secção de informações do 20º BC, passava-lhe algumas notícias por alto, o tio insistia. Depois ele desenvolvia com fanfarronice no Bar do Chope.

Certo dia ele estava lendo O Globo da semana anterior, enquanto 10 ou 12 estudantes bebiam e conversavam junto a sua mesa. Ele tentava escutar a conversa, maior atenção. Logo depois Etelvino juntou-se aos amigos numa mesa ao canto e iniciou a sua história daquela tarde. Os desocupados ficaram emocionados em verem os personagens bem perto, ao vivo.

-“Estão vendo aqueles estudantes, são todos comunistas, fichados. Aquele magro é o Bomfim, o galego é o Ronaldo Lessa, o outro mais gordinho chama-se Jurandir Boia, ainda tem o Ênio Lins, o Edberto Ticianeli, o Aldo Rebelo e o José Rocha. Estão tramando reuniões subversivas. Serão presos nesses próximos dias.”.

Os vadios ficavam na maior excitação. Ele sabe de tudo! Que cara bem informado! Admiravam e se orgulhavam da amizade do Informante.

Até que numa tarde ouviu-se um tiro, dois tiros, vários tiros. Houve maior correria na Rua do Livramento em frente ao Bar do Chope, gente se abaixando, outros se deitando. Foi Ivanildo Omena, irmão do famoso Cabo Henrique que havia assassinado, descarregando o revólver no seu inimigo Paulo Calheiros no meio da multidão, em frente à Igreja do Livramento.

Quando serenou um pouco, o corpo no chão, os amigos gritaram, “Coronel prenda o assassino”; “Coronel Etelvino prenda o criminoso”. O coronel havia desaparecido. Algum tempo passou para encontrar o informante encolhido embaixo de uma mesa por trás da mureta. Ao responder a um colega que exigia sua interferência naquele brutal assassinato, ele balbuciou, gaguejando, tremendo, ainda acorocado.

“ Não... não.. não sou co.. coronel não!!!”

Ao correr para o banheiro Etelvino não pode esconder a calça melada, ele borrou-se de tanto medo ao ouvir o tiroteio. Depois desse dia, nunca mais o carioca Etelvino, o informante, apareceu no Bar do Chope, nem no Centro da cidade.

ATENÇÃO, HOJE DIA 9 DE JUNHO, NO TEATRO CINE ARTE PAJUÇARA, ÀS 20 HORAS, O ESPETÁCULO, “SE FOR PRA CHORAR QUE SEJA DE ALEGRIA”. COM CARLITO LIMA CONTANDO HISTÓRIAS DE MACEIÓ E ANDRÉA LAÍS CANTANDO MÚSICAS A VER COM CADA HISTÓRIA CONTADA. IMPERDÍVEL.